Bruno Valverde Cota
Coordenador da Secção

A nossa sociedade vive um problema de excesso de comunicação. E por vezes não é fácil a um banco conseguir que a mensagem esclarecedora se sobreponha a todos os impactos do descomedimento de comunicação existente. Para percebermos a dimensão das dificuldades, eu recordo que, segundo Jack Trout, nos últimos 30 anos produzimos mais informação que nos 5 000 anteriores, qualquer jornal diário actual contém mais informação que um europeu médio do séc. XVII podia dispor durante toda a vida e publicam-se diariamente em todo o mundo mais de 4 000 livros. Ora, é neste contexto de uma nova era de informação que assistimos às recentes transformações e mudanças no setor bancário.

Luís Goldschimdt
Assessor de Imprensa, Caixa Geral de Depósitos

25 Anos de Comunicação Financeira

Em cada geração há aqueles anos, especiais, que as marcam. Nasci em 1965 e tenho na minha memória, ainda que vagamente, a emoção que foi lá em casa ver o primeiro homem na lua. Lembro-me de, em 1973, ter chegado o jornal *Expresso*. Lembro-me do 25 de abril e de tudo o que aconteceu depois. De ouvir, com o meu pai, no carro, o discurso de renúncia de António de Spínola. Recordo-me de termos ido para o Brasil a 14 de Agosto de 1975 e do impacto de ter morado num hotel, no centro de São Paulo, durante três meses. O cheiro a gasolina, a televisão a cores, a dobragem dos filmes e séries para português. Lembro-me da D. Amália que frequentava o nosso hotel e que me adotou como criança de colo.

Em termos profissionais, a minha geração foi fortemente marcada pelos anos 80, os anos de ouro do Presidente Ronald Reagan. A segunda metade dessa época de ouro, que terminou com a queda do Muro de Berlim e com o fim da Guerra Fria, trouxe aos Estados Unidos e a Portugal uma promessa de eldorado financeiro. Foi a década de ouro dos mercados financeiros, das fusões e aquisições, do Carl Icahn, do Lee Iacoca, do filme *Wall Street*, etc. Em Portugal, destacou-se o corretor Pedro Caldeira.

Copyright © 2015 by IFB/APB, Lisbon

Em Portugal, tivemos nessa altura, em 1986 e até 20 de Outubro de 1987, um ciclo de ouro no mercado de ações. Ainda estava na Faculdade quando abri, com um sócio, a Goldschmidt & Ruah, um fundo de valores mobiliários que captou em pouco tempo muitos e bons investidores. Começámos a ir às OPV e investimos tudo em ações. Abrimos a conta no BCP, um banco privado numa altura em que a banca estava ainda toda nas mãos do Estado, muito eficiente e muito rápido na compra e venda de títulos. Numa altura em que não havia Internet, a única maneira de termos informação sobre as empresas cotadas era a leitura dos jornais diariamente e as conversas que íamos tendo com administradores de bancos, *newsletters* confidenciais que começavam a surgir e a discoteca Banana Powers.

Falo aqui numa discoteca porque, de facto, esta discoteca passou a ser um centro de informação na cidade de Lisboa sobre o mercado de capitais. Pagávamos bebidas uns aos outros de acordo com a informação obtida. Foi aí, no Bananas, que fui questionado sobre se queria comprar "pré-ações" do BANIF, que iria para bolsa uns dias depois.

Tudo aquilo passou com o *crash* na bolsa de Nova Iorque e com o "gato por lebre" de Cavaco Silva, na altura Primeiro-Ministro. Para nós sem consequências pois vendemos tudo na altura.

Pouco tempo depois, apareceu o *Jornal do Comércio*, depois o *Diário* e o *Semanário Económico* e, já nos anos 2000, o *Jornal de Negócios*. Surgiu e banalizou-se a Internet.

Com a Internet, o investidor tem hoje acesso a muita informação. Com os motores de busca, pode fazer pesquisas sobre cada uma das componentes das empresas onde investiu, ter acesso a notícias internacionais. Na televisão por cabo tem acesso à CNBC, à Bloomberg e à ETV. Hoje, o problema do investidor é ter informação a mais. Os investidores podem até escrever e-mails para os departamentos de *investors relations* das empresas que compram com as questões que entenderem. Por parte dos reguladores, contam com um escrutínio maior no que diz respeito a informação publicada, o que lhe permite uma maior igualdade de acesso à informação.

Hoje, o investidor é catalogado pela sua experiência com o mercado de capitais, pela sua apetência ao risco, o que lhe limita o acesso a esse mercado caso não esteja familiarizado com ele. Na altura em que comecei, nos anos 80, tal não acontecia. Falava-se muito no capitalismo popular, que é uma boa ideia, mas que pressupõe um grau de conhecimento médio da população aceitável, o que ainda não acontece, apesar dos esforços de transmitir literacia financeira a quem precisa. A regulação impõe regras apertadas de divulgação de informação para evitar o rumor, a especulação.

"Nos *sites* da especialidade, por exemplo das agências de informação financeira como a Reuters ou Bloomberg, a informação chega em tempo real a todas as plataformas, inclusivamente ao telemóvel."

Hoje, os jornalistas têm um acesso imediato aos preçários dos bancos, ao preço de referência das taxas, aos *spreads* para todos os tipos de operações, ao preço das comissões.

Nos *sites* da especialidade, por exemplo das agências de informação financeira como a Reuters ou Bloomberg, a informação chega em tempo real a todas as plataformas, inclusivamente ao telemóvel.

Nos jornais económicos portugueses, trabalham hoje excelentes profissionais ávidos de informação. No entanto, entendo que um investidor não pode conhecer apenas o que se passa no mundo financeiro. Com um mercado globalizado, os riscos políticos são hoje importantes. Um facto que acontece do outro lado do mundo vai ter consequências deste lado. Assim, a informação financeira é importante mas não chega. É preciso saber que factos estão a condicionar o mercado das matérias-primas. O preço do petróleo, do ouro, entre outros. É preciso tentar permanentemente entender o mundo para agarrar os mercados. E para isso é preciso informação contextualizada.

Não é fácil, dá trabalho, mas a alternativa, acreditar no instinto, é perigosa. Apesar de termos de respeitar o instinto mesmo quando achamos que estamos bem informados. Porque a vida foi sempre mais surpreendente do que imaginávamos. E é isso que faz dela uma viagem maravilhosa. ■

Copyright © 2015 by IFB/APB, Lisbon